



A Coluna Social de Zely Espíndola¹

Autores

Luciano COSTA²

Cárlida EMERIM³

Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA, São Borja, RS.

Resumo

Este projeto estuda a produção das colunas sociais publicadas no jornal Folha de São Borja no período compreendido entre 1970 e 1979, momento no qual a que a atividade remonta a um processo primário da imprensa, cujas características fundamentais baseiam-se na proximidade, na legitimação social e no poder econômico. O presente estudo aponta as marcas discursivas das colunas deste período e, especificamente, o público a que se destina. Nos resultados parciais aqui apresentados, exhibe-se uma amostragem da metodologia de análise que está sendo proposta, até esta fase da investigação.

Palavras-chave

História; colonismo social; análise do discurso; jornalismo.

Introdução

Desde o início da história da imprensa, as colunas sociais ocupam um espaço privilegiado nas publicações impressas. Para a investigação científica, elas se constituem num elemento fundamental para o entendimento do modo de funcionamento de uma sociedade, através, principalmente, da visibilidade coletiva que oferta e das seleções que opera – quem deve ser notícia.

Na atualidade, a coluna social é um gênero produtivo do jornalismo brasileiro, com influências nas práticas sociais e na formação da opinião pública. Sendo assim, estudar a constituição das colunas sociais publicadas num jornal do interior do Estado, em São Borja, significa estudar a própria sociedade da época, numa cidade que faz fronteira com outro país, em plena ditadura militar.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Luciano Gonçalves da Costa. Acadêmico do 6º semestre de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Pampa – Campus São Borja. Bolsista de Iniciação à Pesquisa. lucianocostaal@gmail.com

³ Cárlida Emerim. Orientadora do trabalho. Professora Adjunta II da Universidade Federal do Pampa, Campus São Borja (RS). carlidaemerim@unipampa.edu.br



Em referência direta à escrita e a função destas colunas, Marques de Melo aponta que *coluna social* vai além da visibilidade, pois ela ocupa um espaço de substituição de uma realidade insociável, ou seja:

Já que a maioria das pessoas está excluída do reduzido círculo dos colunáveis (poder/estrelato), dá-se-lhe a sensação de participar desse mundo, através dos colunistas. Trata-se de uma forma de participação artificial, abstrata. Participam sem fazer parte. Acompanham à distância. (MELO: 1994, pag. 140)

Valendo-se dos apontamentos acima, o presente estudo dedica-se ao mapeamento do “como” se fazia o colunismo social na cidade de São Borja, no interior do Rio Grande do Sul, focando o interesse em quem as escrevia e para quem elas se dirigiam, na proposta de recuperar as marcas discursivas deste fazer jornalístico, num período inscrito entre 1970 e 1979, no jornal local Folha de São Borja.

Fundamentação Teórica

Em São Borja, os anos 70 marcam um período de poucas publicações jornalísticas e o fechamento de empresas de rádio na cidade que somente retornariam em 1976. No campo do jornalismo impresso, muitas empresas que vinham atuando a partir dos anos 50 e 60 fecharam as portas alguns anos depois do Golpe Militar de 1964.

É neste contexto de turbulência de fechamento e acirramento dos meios repressivos de controle social que surge, em 24 de fevereiro de 1970, o jornal Folha de São Borja. Há questões muito relevantes a serem consideradas quando se fala em Ditadura Militar em São Borja.

A simples digressão histórica que fez para este estudo nos ajuda a encontrar três aspectos importantes para a reflexão. O primeiro deles está ligado ao fato de que o golpe militar de 1964 depôs um presidente são-borjense, João Goulart, que trazia uma proposta de governo diferenciada. O segundo remete à questão geográfica da cidade localizada na fronteira com a Argentina, portanto, zona de segurança nacional e, por isso, uma cidade extremamente militarizada, com pelo menos três quartéis e várias guarnições do Exército. O terceiro se refere à cultura econômica da cidade e região, eminentemente rural, agrícola e oligárquica, com o domínio de poucas famílias sobre a cultura do arroz.



Estes apontamentos prevêm, então, que neste jogo de visibilidade pública do poder e da influência que alimentava os acontecimentos noticiados pelas colunas sociais, que dependiam do estilo de seus autores para a definição do seu tom jornalístico, alternavam-se entre a publicização do consumo e do que não era “de acesso do povo” bem como pequenas notas informativas que demonstravam a inserção do próprio autor no espaço social.

Entendendo o contexto social onde se encontrava o objeto de estudo escolhido, propõe-se observar as marcas discursivas destas colunas escritas nos anos 70 no FSB mapeando os sentidos produzidos e suas variações. Para ajudar a entender estas marcas, traz-se o conceito de formação discursiva de Foucault (2001), que a conceitua como “os princípios de individualização de um discurso” para qual existe uma regularidade, uma organização que caracteriza um sistema de formação de enunciados.

Dentre os colunistas do Jornal Folha de São Borja, tanto os fixos como os eventuais e esporádicos, destaca-se Zely Espíndola que está desde o início da publicação e manteve durante toda a década de 70 como a colunista referência, visto que as festas recobertas por ela eram as que envolviam as pessoas de maior destaque ao longo dos anos 70 e, também, as que possuíam sobrenomes mais tradicionais na sociedade saaborjense. As temáticas mais comuns que obtinham maior repercussão nas colunas de Zely Espíndola, de um modo geral, eram as que tratavam sobre os bailes dos clubes mais tradicionais da cidade: Clube Comercial e Clube Recreativo Saaborjense. Eventos de ocorrência constante que mobilizavam toda a sociedade em torno de seu acontecimento.

Para dar conta dessa proposta, a metodologia de análise a ser empregada imerge na Análise do Discurso de linha Francesa (ADF) que propõe uma metodologia de explicação de textos privilegiando a interdisciplinaridade e articulando a lingüística, a semiótica, o materialismo histórico e, de vez em quando, a psicanálise. A ADF define o discurso escrito como objeto de uma análise estruturalista, com base na lingüística e na história, mas postula ser a linguagem indissociável da interação social e, sendo assim, insere o discurso como espaço de articulação entre linguagem e sociedade.

Serão articulados autores das bases fundantes da proposta ADF advinda de Pêcheux. Enfatiza-se, porém, que não se aprofundará os conceitos teóricos trazidos por esses autores, porque eles serão utilizados numa articulação operacional, sendo chamados a definir e conceituar princípios fundamentais da análise desses objetos.



Para Eni Orlandi (apud SILVA: 2004) a análise do discurso nascida no século XX é uma prática científica que articula sujeito, linguagem, história e sentido, pois “que a história “afeta” a linguagem de sentidos. Desse encontro resulta o texto, logo textualidade que é história, que faz sentido”. Ainda nas palavras de Eni Orlandi (2008):

“O discurso é moldado e restringido pela estrutura social no sentido mais amplo e em todos os níveis: pelas relações específicas em instituições particulares, como o direito ou a educação, por sistemas de classificação, por várias normas e convenções, tanto de natureza discursiva como não discursiva, e assim por diante (...) O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado.” (ORLANDI: 2008, pág. 91)

Um dos focos a que se propõe esta análise vincula-se à articulação entre Linguística e Ciência Social Crítica, estabelecendo um quadro analítico que mapeie as relações de poder instauradas nos discursos. Nesse sentido, é importante acrescentar que o discurso, a partir da ADC, pode ser compreendido como socialmente constitutivo, isto é, pelo discurso se constituem estruturas sociais, ou constituído socialmente, na medida em que os discursos variam de acordo com domínios sociais em que são gerados.

Procedimentos metodológicos

A proposta metodológica desta fase da pesquisa **As Colunas Sociais do Jornal Folha de São Borja** visa organizar os textos publicados nas colunas assinadas por Zely Espíndola ao longo da década de 70 com o propósito de selecionar um corpus de análise para entender, através do texto, da linguagem empregada nesses textos, **para quem e com quem** a coluna “fala”, ou seja, para tentar mapear o seu público alvo discursivo.

Assim, por exemplo, o materialismo histórico, entendido aqui como “teoria das formações e transformações sociais” (FERNANDES: 2007, pág. 69), será chamado para esclarecer as situações nas quais o sujeito se insere como ator social pertencente a uma sociedade que é organizada em classes sociais, bem como entender e analisar os papéis que este sujeito assume nesse contexto. Pois é pela história “que observamos as condições de produção do discurso, ou seja, o porquê da aparição de um enunciado em dado momento e lugar e não em outro” (IDEM). A partir dessa etapa analisar-se-á o



discurso, entendido como o lugar de manifestação de sentido buscando no contexto em que ele é produzido, a relação com o sentido produzido

Além destes conceitos mais gerais acima propostos, também se pretende verificar quais são as marcas discursivas utilizadas na construção desses discursos e quais os sentidos produzidos pelo uso desses nos textos analisados. Assim, por **marcas discursivas** entendemos os elementos constitutivos e configurativos dos discursos tais como, do ponto de vista interno, as palavras, as frases, o texto em si e, do ponto de vista externos, as relações que implicam na construção/configuração desses textos tais como o período da publicação, o estilo da produção, o próprio meio jornalístico, a sociedade no qual está inserido, entre outros.

Empreendimentos metodológicos

Com o objetivo de analisar as marcas discursivas e verificar **para quem e com quem** a coluna “fala”, ou seja, para tentar mapear o seu público alvo discursivo, efetuou-se uma sistematização das colunas a serem analisadas neste primeiro processo. Foram selecionados aleatoriamente uma nota de cada coluna em cada ano da década de 1970. As edições em que as colunas analisadas foram publicadas são: 05 de maio de 1970, 16 de fevereiro de 1971, 07 de setembro de 1972, 05 de julho de 1973, 01 de maio de 1974, 09 de outubro de 1975, 07 de setembro de 1976, 23 de março de 1977, 24 de junho de 1978 e 04 de agosto de 1979.

Considerações Finais

Zely Espíndola foi a colunista referência do jornal visto que as festas recobertas por ela eram as que envolviam as pessoas de maior destaque. Os sobrenomes escolhidos para fazerem parte da “rotina de visibilidade” nas colunas sociais eram os amigos pessoais da colunista, a elite financeira da cidade, as relações institucionais do jornal Folha de São Borja e as famílias tradicionais, práticas, aliás, comuns à produção de colunismo social padrão no Brasil. A colunista construiu uma identidade afetiva com a comunidade são-borjense que aparecia em sua coluna em forma de agradecimentos, de ações, cartas e/ou mimos recebidos. A análise das colunas de Zely reitera as figuras proeminentes da sociedade, que por poder simbólico, econômico e/ou afetivo



destacavam-se na sua comunidade de pertencimento, uma elite cultural e econômica. O que não aparece são as camadas mais populares da sociedade.

Outra constatação dá-se pela estratégia de construção da intimidade com os leitores, visto que, a colunista não tinha espaço físico de trabalho dentro da sede do jornal: sua coluna era produzida ou em seu local de trabalho oficial (o cartório da cidade) ou em sua residência.

Zely Espíndola detinha alto conceito com os comandantes militares da cidade e região não só por ser funcionária pública e pelas inúmeras vezes em que enfatizava o seu patriotismo e seu nacionalismo como também a larga cobertura expedida às ações dos militares na coluna social. Esta relação harmônica beneficiou a colunista, que era a única colaboradora do jornal que não precisava submeter seus textos à censura prévia. A análise mostra que, em relação às temáticas, havia uma autocensura de conteúdos, pois a coluna tratava de assuntos mais “amenos”, preterindo fatos polêmicos, sérios, que tratassem da realidade social.

Nesse ponto, relacionando ideologia e linguagem, o texto de Espíndola coadunava-se à perspectiva de “sentido a serviço do poder”, tal como assevera o teórico inglês J. B. Thompson, uma vez que o discurso, nessa circunstância, serve, de certa forma, para a manutenção das relações de dominação, imposta pelo regime militar.

Referências

- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança social**. MAGALHÃES, Isabela, coordenadora da tradução, revisão técnica e prefácio. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001, 2008 (reimpressão).
- FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. São Carlos: Claraluz, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2001.
- ROMANCINI, Richard & LAGO, Claudia. **História do jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007.
- MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MELO, José Marques de. **Teoria do jornalismo: identidades brasileiras**. São Paulo: Paulus, 2006.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e Texto: formulações e circulação dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2º edição, 2005.



ROMANCINE, Claudia LAGO e Richard. **História do Jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007.

SILVA, Rosineide Guilherme da. **Análise do Discurso; Princípios e Aspectos Gerais**.

Disponível

em:

http://www.cce.ufsc.br/~lle/congresso/trabalhos_lingua/Rosineide%20Guilherme%20da%20Silva.doc; acesso em 16 de Março de 2010.

SODRÉ, Muniz. **Colunismo Social: Gente boa e gente fina**. Disponível em:

<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/fd260820031.htm>; acesso em 29 de Maio de 2009.

SOUZA, Rogério Martins de. **A sedução do colunismo: Uma análise das colunas de Ancelmo Gois e Ricardo Boechat**. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0690-1.pdf>; acesso em 27 de julho de 2009.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.